



GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

MESSIANISMO E Matriarcado: Conceitos Fundamentais no Pensamento de Walter Benjamin e de Oswald de Andrade

RUI BRAGADO SOUSA¹

Resumo: As figuras femininas ocupam lugar de destaque na filosofia de Benjamin e de Oswald de Andrade. Mas elas estão inseridas em conceito mais amplo e primordial: o matriarcado. Este artigo analisa as afinidades eletivas entre os dois pensadores no que se refere a esta forma de sociedade original, igualitária e sem propriedade privada. Benjamin e Oswald de Andrade conheceram os estudos de Bachofen e Engels acerca de uma sociedade “comunista” nos primórdios dos tempos; eles ressignificaram este conceito de sociedade de forma particular e original, direcionando às questões da modernidade. Espera-se demonstrar que o retorno à origem (*Ursprung*) relaciona-se à crítica ao progresso técnico e industrial e ao messianismo, tanto no pensamento do “crítico da modernidade” como no “autor modernista”.

Palavras chave: Origem, messianismo, civilização e barbárie.

1 Universidade Estadual de Maringá (UEM).

MESSIANISM AND MATRIARCHY: FUNDAMENTAL CONCEPTS IN THE THOUGHT OF WALTER BENJAMIN AND OSWALD DE ANDRADE

Abstract: The female figures occupy a prominent spot in Benjamin's and Oswald de Andrade's philosophy. But they are placed in a wider and more fundamental concept: the matriarchy. This article aims at analyzing the affinities between those two philosophers regarding their original and egalitarian concept of society, free of private property. Both Benjamin and Oswald de Andrade knew the studies of Bachofen and Engels concerning a "communist" society at early times; but Benjamin and Oswald adjusted that concept of society to a particular and original way, oriented to the modern issues. We hope to demonstrate that a return to the origins (*Ursprung*) implies criticism to both the technical and industrial progress and the messianism, in what regards both in the "critic of modernity" and in the "modernist author".

Key words: Origin; messianism; civilization; barbarism.

"Sem a ideia de uma vida futura seria difícil ao homem suportar a sua condição de escravo. Daí a importância do messianismo na história do patriarcado" (Oswald de Andrade, *A crise da filosofia messiânica*).

"O mundo messiânico é um mundo de uma atualidade plena e integral. Só nele existe uma história universal" (Walter Benjamin, nota às teses *Sobre o conceito de história*).

INTRODUÇÃO

Na apresentação de *Walter Benjamin: aviso de incêndio* – obra já clássica acerca das teses "Sobre o conceito de história" – Michael Löwy (2005, p. 9) cita um carta de Erich Auerbach a Benjamin, datada de 1935. No documento Auerbach refere-se a possibilidade de um contrato para lecionar literatura alemã na Universidade de São Paulo - USP: "Há pelo menos um ano, soube que estavam procurando um professor para ensinar literatura alemã em São Paulo; logo pensei no senhor [...], mandei seu endereço para as instâncias competentes – mas a coisa não deu em nada...". Em meados da década de 1930, Benjamin encontrava-se exilado em Paris, em péssimas condições financeiras condicionadas pela conjuntura fascista de boicote a intelectuais de origem judaica. Löwy não cita a resposta de Benjamin, até o momento desconhecida, mas talvez a ideia seja pouco verossímil. Como se

sabe, o filósofo judeu-alemão mostrou-se relutante em sair da Europa, recusando sucessivos convites do amigo Gershon Scholem para mudar-se para Jerusalém. Apesar de impregnado pela tradição judaica, a influência do pensamento e da literatura europeia o fez criar raízes no velho continente. Até mesmo sua saída desesperada da França já ocupada por tropas nazista ocorreu no limite do tempo, de pegar apenas sua escova de dentes. (WITTE, 2018). A tragédia de um escritor brilhante é também a conjectura de um tempo de catástrofes.

Em todo o caso, a carta suscita vislumbres possíveis.² Imagine-se Benjamin no Brasil, acompanhando a Missão Francesa com homens como Lévi-Strauss, Fernand Braudel, Roger Bastide, um intercâmbio profícuo para a sociologia brasileira e para a universidade pública recém-criada. Löwy (2005) cita um diálogo imaginário com o escritor Graciliano Ramos e um eventual ensaio comparado com Brecht. Mas poder-se-ia pensar em outro encontro que seguramente abalaria as colunas da estética tradicional: o de Benjamin com Oswald de Andrade. Homens de uma mesma geração, com infância na grande cidade (São Paulo e Berlim) e com uma profunda afinidade eletiva nos domínios da arte, da literatura e da crítica; afinidades que vão além do circunstancial ou da analogia.

A proximidade epistemológica entre Benjamin e Oswald já foi notada em diversas áreas do conhecimento. Na filosofia, Filipe Ceppas (2018) tentou³ analisar as formas arcaicas entre os dois pensadores, ou seja, a imagem do “primitivo” nos textos de Benjamin como uma senha se para pensar a fonte ambivalente de toda força que o agora pode fazer despertar. Na historiografia, Ulisses do Valle (2017, p. 324) afirma que há nos manifestos *Pau Brasil* (1924) e no *Antropófago* (1928) o questionamento da construção de uma memória histórica etnocêntrica, na qual percebe-se “o furor de uma vontade de escrever a história a contrapelo [...]”. A relação dessas obras com as teses “Sobre o conceito de história”, de Benjamin, é notória. Valle destaca ainda que a filosofia da história de Oswald consolida-se com a *Crise da filosofia messiânica* (1950). Na área da linguística, Cristina da Silva (2017), analisa as semelhanças estilísticas nas narrativas oswaldiana e benjaminiana. De fato, o estilo telegráfico dos ensaios-poema de Oswald possui profunda afinidade com os aforismos de Benjamin. Pode-se pensar ainda na surpreendente relação entre as memórias e o conceito de infância, em *Infância em Berlim: 1900*, de Benjamin (2017) e em *Um homem sem profissão*, de Andrade (1971), que narra a criança na grande São Paulo, ambos no limiar no século XX; um trabalho que ainda está por ser feito.

2 Outro capítulo desse “encontro marcado” poderia ter ocorrido na livraria *La maison des amis des livres*, de Adrienne Monnier, importante amiga tanto de Benjamin como de Tarsila do Amaral, esposa de Oswald nos anos 1920-30. (CEPPAS, 2018).

3 Ao afirmar que as relações que Oswald faz entre matriarcado e antropofagia são “fantasiosas e temerárias” e o patriarcado com o messianismo como um esquema “demais simplista”, Ceppas (2018, p. 74) confessa compreensão limitada do pensamento oswaldiano. O autor privilegia o evolucionismo linear e cronológico de Friedrich Engels em *Origem da família, da propriedade privada e do Estado*, justamente o ponto de crítica de Benjamin e Oswald.

Mas para os objetivos deste artigo importa compreender a símile e a importância do matriarcado no pensamento de ambos os filósofos. Para uma análise específica, pautamo-nos no estudo de Benjamin (2012) sobre Johann Jakob Bachofen, autor de *O matriarcado*, e nos textos de Oswald que o levaram a pensar o matriarcado enquanto cultura antropofágica e o patriarcado relacionado à cultura messiânica. O primeiro é a tese: o homem natural; o segundo é a antítese: o homem civilizado; o terceiro termo ou a síntese: o homem tecnizado. A técnica industrial moderna está no centro da crítica de Benjamin acerca do conceito de experiência. O homem reduzido a mero autômato revela a antítese da modernidade: a barbárie está implícita na própria cultura. Estas ponderações pressupõem uma análise não linear, não evolutiva, nos dois pensadores. A tragédia da modernidade patriarcal remete-nos novamente à origem (*Ursprung*), ao seio materno, quer seja Gaia, quer seja Pachamama.

ORIGEM E MESSIANISMO; MATRIARCADO E ANTROPOFAGIA

O conceito de origem [*Ursprung*] está no centro do pensamento de Benjamin, desde seus ensaios de juventude como *Drama barroco e tragédia*, passando pelo denso e complexo *Origem do drama barroco alemão*, até as teses “Sobre o conceito de história”. Benjamin pensa uma tradição dos oprimidos que não repousaria no nivelamento da continuidade histórica (positivista e historicista), mas sobre saltos, surgimento (*ursprung*), a interrupção e o descontínuo. Segundo Gagnebin (2009, p. 99), “O *continuum* da história é dos opressores. Enquanto a representação do *continuum* iguala tudo ao nível do chão, a representação do descontínuo é o fundamento da autêntica tradição”. A origem remete ao matriarcado? Seria prematuro e arbitrário fazer tal afirmativa. Trata-se apenas de acompanhar o diálogo implícito entre as categorias primordiais em Benjamin e a sociedade matriarcal de Oswald de Andrade.

As categorias primordiais de Benjamin como Origem, *Arché*, e *Ananke*,⁴ remetem à proto-história do fenômeno e não à sua gênese ou arqueologia. A Origem volta-se para seu evento originário, mas também para o radicalmente novo. A dialética benjaminina distingue aquilo que, na experiência histórica nos afeta a partir das origens (*Ursprung*): “O que é próprio da origem [e não gênese] nunca se dá a ver no plano fático, cru e manifesto. O seu ritmo só se revela a um ponto de vista duplo [...]. A origem, portanto não se destaca dos dados fáticos, mas tem a ver com a pré e pós-história” (BENJAMIN, 2011, p. 34). O conceito de “origem” é certamente bastante complexo e obscuro. Segundo filósofo Romero Freitas⁵, um especialistas na obra de Benjamin no Brasil, uma estratégia interessante é entendê-lo

4 Força primordial à qual até os deuses se dobram. Na mitologia grega era deusa da inevitabilidade, a mãe das Moiras e personificação do destino.

5 De acordo com o professor Romero Freitas (UFOP), os estudos sobre Benjamin encontram-se em um nível maduro no Brasil, mas são poucos os trabalhos que associam sua teoria messiânica

como uma espécie de “estrutura” histórica, algo como uma ideia platônica, porém historicizada. Para o filósofo Márcio Seligmann-Silva (2008), *Ursprung* – literalmente proto-salto – significa saltar e fazer pontes entre fragmentos da redenção, isto é, uma rememoração do evento original que se transforma em tradição cultural. Jeanne Marie Gagnebin (1999) reitera que *Ursprung* designa a origem como salto [*Sprung*] para fora da sucessão cronológica niveladora e linear tradicional; pelo seu surgir, a origem quebra a linha do tempo. (SOUSA, 2015, p. 53).

Para romper com a reificação do moderno trabalhador industrial, com a crença ilimitada no progresso da técnica, com a concepção de tempo linear, homogêneo e vazio, para “mobilier para a revolução as energias da embriaguez”, Benjamin desenvolve o conceito de “interrupção messiânica”. É esse conceito de interrupção da história, associando luta de classes e teologia, marxismo e messianismo, também definido como cesura, que interliga toda sua produção intelectual. Era necessário, pois, explodir o *continuum* da história. Seu método composto por alegorias e aforismos privilegia o uso de imagens, como ocorre no livro das *Passagens*. Löwy (1989) o descreve como “crítica teológica” ao tempo mecânico, o que constitui um dos fundamentos filosóficos de sua rejeição às ideologias do progresso. Para Benjamin, não se pode pensar nenhum acontecimento empírico isolado que não tenha uma relação necessária com a constelação temporal específica em que ele acontece. Mas o tempo da história é diferente do tempo da mecânica, ele pondera. O tempo dos calendários ou dos ponteiros do relógio não contém o que ele chama de “tempo preenchido”, pois são mecanicamente ascendentes, quantitativos, em detrimento do tempo vivido, ou da experiência. “A esta ideia do tempo preenchido chama-se na Bíblia – e esta é a sua ideia histórica dominante – o tempo messiânico” (BENJAMIN, 2011, p. 262).

O conceito de Origem fica mais claro com sua comparação metafórica com o vórtice ou redemoinho, conforme destacado por Agamben (2018, p. 84-85). Para Benjamin (2011, p. 34), “A origem [*Ursprung*] insere-se no fluxo do devir como um redemoinho que arrasta no seu movimento o material produzido no processo de gênese”.⁶ Ora, o vórtice que se forma no leito de um rio, apesar de formado pela mesma matéria que segue o fluxo ou a correnteza, permanece imóvel e recusa-se a seguir o sentido ‘natural’ de sua dinâmica. É uma região autônoma e fechada em si mesma que obedece a leis que lhe são próprias; contudo, está inteiramente ligada à totalidade em que está inserida. Da mesma forma com que o redemoinho no curso das águas, a Origem é contemporânea ao devir dos fenômenos, dos quais extrai sua matéria, mas nem por isso move-se de acordo com ela, o vórtice tem sua própria rítmica e temporalidade.

da história e seu conceito de Origem. Ver a revista *Artefilosofia*, *Dossiê Walter Benjamin*. Ouro Preto, n.6, abril 2009.

6 Ou conforme a tradução de Agamben (2018, p. 84): “A origem [*Ursprung*] insere-se no fluxo do devir como um vórtice que arrasta no seu ritmo o material da proveniência”

Compreende-se assim que a *Origem* é um profenômeno no sentido histórico e teológico; quer seja ele o Paraíso ou o Comunismo primitivo, ele representa uma idade edênica e igualitária na Terra. A Origem não é somente *Entstehung*, um surgimento, um nascimento milagroso, mas sobretudo, *Ursprung*: momento original que sempre se renova. Daí a misteriosa citação de Karl Kraus como epígrafe na décima quarta tese Sobre o conceito de história: “*Ursprung ist der Ziel*”, isto é, “A origem é o alvo”. Literalmente são “saltos” para fora da continuidade histórica linear que rompem com o desenvolvimento meramente evolucionista da História (BENJAMIN, 1994; 2011).

A proto-história de um fenômeno, sua Origem, está ligada segundo o historiador das religiões Mircea Eliade (1989) ao tempo mítico. Nesse tempo mítico, o homem tornou-se aquilo que é hoje, não só porque foi nessa altura modelado e instruído pelos antepassados, mas também porque tem de repetir continuamente tudo o que os antepassados fizeram *in illo tempore* [no início do tempo] quando o mundo estava *in statu nascendi*:

A memória pessoal não entra em jogo: o que se conta é rememorar o acontecimento mítico, o único digno de interesse, porque é o único criador. É ao mito primordial que cabe conservar a *verdadeira história*, a história da condição humana, é nele que é preciso procurar e reencontrar os princípios de toda a conduta (ELIADE, 2010, p. 90, grifos do autor).

Assim como toda mitologia possui um começo, o tempo da “origem”, ela também possui um fim, determinado pela última manifestação dos seres sobrenaturais, os heróis culturais ou os antepassados. “Esta é a razão pela qual uma mitologia é simultaneamente considerada uma *verdadeira história*: ela relata como surgiram as coisas, fornecendo o modelo exemplar e também as justificações para as atividades do homem” (ELIADE, 1989, p. 96,97, grifos do autor).

O mito original para a passagem da sociedade e do direito materno para o patriarcado remete à *Oréstia* de Ésquilo. Nessa obra, Orestes, filho de Agamenon e Clitemnestra, vinga a morte de seu pai assassinado pela mãe quando voltava da guerra de Troia. Orestes, em vingança ao pai traído, assassina a própria mãe. A partir de então, Orestes é perseguido pelas Erínias, as defensoras do direito materno e personificações da vingança encarregadas de punir os crimes de sangue, especialmente o mais grave deles, o matricídio. Levado a julgamento presidido por Palas Atena, Orestes, defendido por Apolo, acaba absolvido depois de empate entre os votos dos juízes. O voto de Palas Atena decidiu pelos direitos do Pai, absolvendo Orestes do crime de matricídio. As Erínias tinham como missão punir os crimes consanguíneos e o pior e mais imperdoável crime segundo o direito materno: o

matricídio. Com a absolvição o direito paterno vence o materno, às Erínias só resta a resignação. (ENGELS, 2012, p. 24, 25). É a passagem definitiva para o patriarcado.

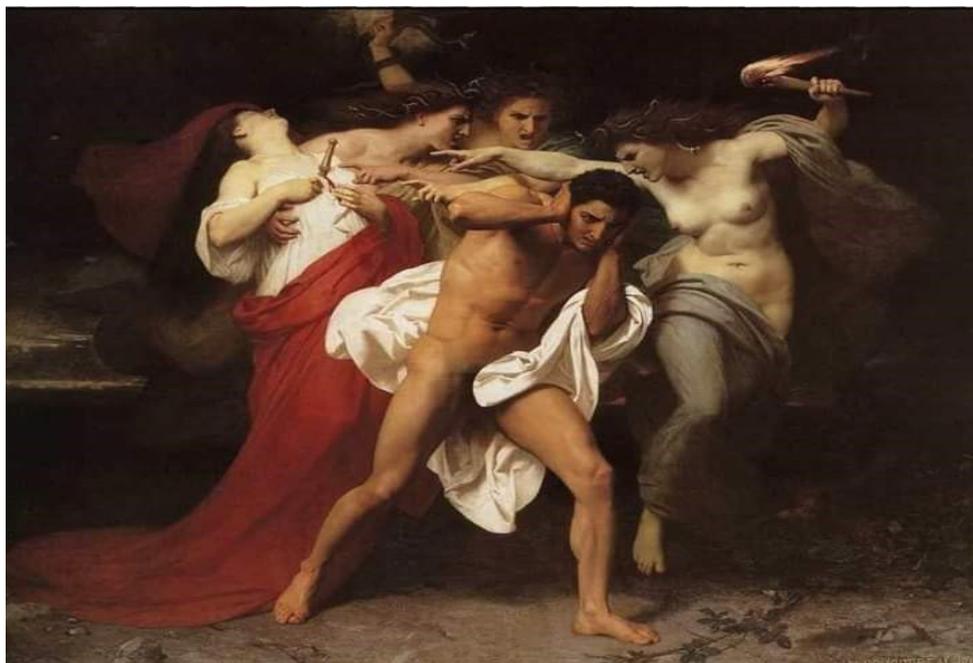


Figura 1 “Orestes perseguido pelas Fúrias” ou Erínias. Autor: William-Adolfo Bouguereau, 1862.

A análise desse mito primordial deve-se – tanto em Engels, como em Benjamin ou Oswald – a Johann J. Bachofen e sua obra *Direito materno*, de 1861. Engels reconhece que o estudo da história da família começa, de fato, com Bachofen. Contudo, o materialista histórico não aceitaria uma leitura mitológica. Engels (2012, p. 26) refere-se ao autor de *O matriarcado* como um “místico genial” e às suas obras como “exuberante e poética fantasia”. O desenvolvimento subsequente de toda *A origem da família*, de Engels, pauta-se na análise da sociedade antiga de Lewis H. Morgan e aos estudos de história antiga, de J. F. Mac Lennan. A conclusão da obra retoma sua origem: “A forma da família que corresponde à civilização e vence definitivamente com ela é a monogamia, o domínio do homem sobre a mulher, e a família individual como unidade econômica da sociedade” (ENGELS, 2012, p. 221).

Benjamin (2012) aceita as reservas e ponderações de Engels acerca do caráter místico e esotérico de Bachofen. Ele sabia da apropriação nefasta que o fascismo fizera das “imagens primordiais” (*Urbilder*),⁷ remetendo-as ao passado mítico da Alemanha, sobretudo no filósofo Ludwig Klages. Mas sabia também que a ideia de um comunismo primitivo na aurora dos tempos interessaria aos socialistas. Depois de Engels, Paul Lafarge⁸ escreveria sobre o matriarcado, e na década de 1930 Erich

7 Não confundir com *Ursprung*.

8 “O matriarcado: estudo sobre a formação da família”, publicado em *Die Neue Zeit*, Stuttgart, 1885-86.

Fromm⁹ analisaria o significado psicossocial das teorias patriarcais, invertendo os lugares comuns da infância, onde “a aspiração ao amor maternal é substituída pela de ser protetor da mãe, que é venerada, colocada acima de tudo. Não é já à mãe que compete o dever de proteger, é ela que passa a ter necessidade de tutela e de salvaguarda de sua pureza” (apud BENJAMIN, 2012, p. 106). A análise de Fromm remete indiretamente ao conceito oswaldiano de “sentimento órfico”, que veremos mais adiante.

Oswald de Andrade também localiza no período grego a passagem decisiva do direito materno ao paterno (que por séculos conviveram), e a consequente instituição da escravidão, do Estado, e a justificação aristocrática da escravidão. Com o cristianismo há a introjeção decisiva da promessa messiânica como suporte e justificação da condição de escravo (de caridade, de sofrimento, de dominado), bem como da instituição da monogamia e da obediência às leis (aceitação do destino) como valores indispensáveis à salvação religiosa (VALLE, 2017, p. 333). Enfim, “tudo se prende à existência de dois hemisférios culturais que dividiram a história em Matriarcado e Patriarcado. Aquele é o mundo do homem primitivo. Este o do civilizado. Aquele produziu uma cultura antropofágica, este uma cultura messiânica (ANDRADE, 1970, p. 132). Oswald reafirma a tese citando Hesíodo, de forma peculiarmente ácida:

Não é sem dúvida uma coincidência essa que faz que no século VIII a.C., quando aponta a poesia grega, Hesíodo venha a ser o autor de uma teogonia e ao mesmo tempo o cantor do trabalho. Vê-se que, no desenvolvimento do Patriarcado, liga-se a servidão ao céu. [...] É, sem dúvida, o primeiro documento messiânico na Grécia, essa teologia galante mas profunda, do poeta d’*Os Trabalhos e os Dias* que começa com a seguinte apóstrofe das Musas: ‘Pastores largados pelos campos, opróbrios da terra, que sois somente ventres, nós sabemos contar mentiras idênticas às coisas reais, mas, quando queremos, sabemos também proclamar a verdade’ (1970, p. 145, 146).

Belo começo – diz Oswald ainda sobre Hesíodo – em que situa imediatamente o “homem na condição de besta diante do Olimpo. E ande direitinho. ‘Vai! Lembra-te sempre do meu conselho, trabalha!’ Eis a base da teologia patriarcal.” O Matriarcado assentava-se sobre uma tríplice base: o filho de direito materno, a propriedade comum ao solo e o Estado sem classes, ou seja, a ausência de Estado. As formas jurídicas patriarcais são: o filho de direito paterno, a propriedade privada do solo e o Estado de classes. “A ruptura histórica com o mundo matriarcal produziu-se quando o homem deixou de devorar o homem para fazê-lo seu escravo. Friedrich Engels assinala o fecundo progresso dialético que isso constituiu para a humanidade”. Esse é resumidamente o esquema bipartite de Andrade (1970, p. 134, 135).

9 Artigo publicado pela revista do Instituto de Pesquisa Social, em 1934.

Na sociedade patriarcal – a fixação da paternidade, a propriedade privada e a escravidão – desenvolver-se-ia toda a história do racionalismo ocidental, marcado desde então pelo problema da liberdade, inexistente no matriarcado justamente porque tal problema só existe como reivindicação quando o homem passa a escravizar o próprio homem. O problema da liberdade no patriarcado messiânico remete à dominação na sociedade de classes e à liberdade redirecionada para esperanças escatológicas de um além-Terra. A salvação é o prêmio a obediência, ao amor monogâmico (sobretudo feminino), enfim, à submissão e à servidão (ANDRADE, 2011, p. 202).

A consolidação do patriarcado, cujo início remonta aos tempos de Hesíodo e Ésquilo, ocorre justamente no primeiro século na nossa era, com Augusto e Cristo. Na Grécia homérica é Pandora que dispersou sobre o mundo todos os males saídos de sua concha; no Gênese, Eva é a culpada. Ainda que no Novo Testamento os evangelistas tenham incluído figuras femininas, elas não fazem parte da Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. E assim sucessivamente, na história e na literatura; a Beatriz de Dante, a Julieta de Shakespeare, a Gretchen de Goethe, remetem à dominação masculina, emergindo a figura de Dom Juan.

A Reforma Protestante representa o derradeiro capítulo da dominação patriarcal, para Oswald e para Benjamin. Contra o Sacerdócio – o ócio sagrado –, surge na sua virulência, o negócio – a negação do ócio. E “sobre o dinheiro-papel, sobre o crédito e a transação fiduciária ergue-se o mundo do banco, do comércio e da indústria. *É no fiado que o mundo se transforma*” (ANDRADE, 1970, p. 162, grifos do autor). Mas, nas asas do negócio, Lutero colocava a destruição da própria fé. É com ele que o Messianismo declina.

A leitura de Oswald e de Benjamin a respeito da Reforma é embasada tanto em Marx quanto em Weber. A Reforma havia quebrado a magia do Sacerdócio. Ela adotara o livre exame, a livre interpretação. A prosperidade nos negócios é um sinal de eleição. O pastor torna-se apenas um conselheiro, pois que, por obra da graça, “qualquer espertalhão pode ter o céu garantido”. As seitas dividem-se, subdividem-se à vontade dos grupos e cada um pode ter suas preferências de culto. A ciência e a técnica procuram produzir na terra o céu longa e desanimadoramente prometido pelo Messianismo. (ANDRADE, 1970, p. 167).

O ensaio-fragmento esboçado por Benjamin sugestivamente intitulado “O capitalismo como religião” corrobora com as teses oswaldianas.

O capitalismo é uma religião de mero culto, sem dogma. O capitalismo desenvolveu-se no Ocidente de forma parasitária sobre o cristianismo – o que não se demonstra apenas com o exemplo do Calvinismo, mas também com o das outras orientações ortodoxas cristãs. De tal modo que a história do cristianismo se tornou essencialmente a do seu parasita, o capitalismo (BENJAMIN, 2012, p. 37).

Para Walter Benjamin, o capitalismo é um culto que não redime, mas deixa um sentimento de culpa, não visa a redenção, portanto. “É o fim da transcendência de Deus”, ele conclui.

Nesse mundo desencantado e reificado, sobretudo após a Revolução Industrial, predomina o conceito formulado por Andrade (1970), o “sentimento órfico”. A orfandade não remete ao sentido primeiro, aos pais, mas a ausência do lar, da pátria. Também alude ao que Fromm chamou de inversão de funções sociais, a superproteção da figura materna e não o inverso; restando assim a ausência. Talvez isso explique um sintoma da modernidade familiar, a crescente redução do conceito de infância, cujo lugar está sendo ocupado pela infantilização do adulto, agora órfão. Nas memórias de infância de Oswald de Andrade (1971) e de Benjamin (2017), a figura materna ocupa lugar de destaque, em detrimento da figura do pai, quase sempre relegado ao despotismo autoritário. Witte (2017), o biógrafo de Benjamin, chega mesmo a afirmar que sua compulsão quase patológica por viagens era uma forma de “fugir da casa paterna”.

Em *Infância berlinense: 1900* há um aforismo intitulado “A febre” que merece destaque. Benjamin sempre teve um saúde frágil e na infância esses momentos eram oportunidade para cabular aula e para sentir a mão e a voz da mãe mais próximas. A fala e o toque na testa do enfermo significavam a cura primordial; sempre vinham acompanhados de histórias dos antepassados da família. Algumas comunidades indígenas ainda preservam esse rito de cura. Depois de passada a febre, “os criados começavam de novo a substituir a mãe na minha vida”, relata Benjamin (2017, p. 91). O aforismo que se segue chama-se “A lontra”, o animal com pouco destaque no jardim zoológico, atrás das grades e em local úmido era, para Benjamin, “o mais especial”. Ele sentia-se às vezes como o próprio bicho, “na casa da lontra”. As grades e a solidão remetem-no indubitavelmente à autoridade paterna. Quando relata a notícia da morte de um parente por parte do pai – um dos raros momentos em que escreve sobre o *Pater familias* –, ele anota friamente: “O meu pai tinha entrado para não ficar sozinho. Mas quem ele procurava era o meu quarto, e não eu. Nenhum deles precisava de confidente” (BENJAMIN, 2017, p. 95).

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

“A autêntica polêmica ocupa-se de um livro de forma tão dedicada quanto um canibal cozinha um bebê” (Walter Benjamin, Rua de mão única).

“Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformá-lo em totem” (Oswald de Andrade, Manifesto antropofágico).

Seguindo os rastros de Benjamin e Oswald pode-se dizer, talvez, que a cultura moderna é em certo sentido antropofágica. A cultura da mercadoria tem consumido desde recursos naturais à capacidade crítica do homem contemporâneo. Dessa deglutição não resulta, porém, nenhum sentido mágico ou sagrado, como nas sociedades primitivas. O mundo moderno dessacralizado transforma o próprio sagrado em mercadoria, ele não concebe nenhum culto, apenas culpa, diria Benjamin em *O capitalismo como religião*.

Não se trata, nesse artigo, de buscar na tese do matriarcado a defesa de um neopaganismo ou o retorno a idade edênica original, mas o acesso a dimensões “ctônicas” da origem da propriedade, do direito, da dominação masculina e dos limites da democracia ocidental (BENJAMIN, 2012). Concomitantemente, os ensaios de Oswald de Andrade trazem elementos de uma filosofia da história própria, que o autor desenvolveu em consonância com um projeto político de emancipação e com uma antecipação especulativa do futuro. O retorno ao passado não significa, para Benjamin e Oswald, o giro inverso da roda da história. Mas o resgate das energias atadas na tradição e na experiência para o salto (*Sprung*) em direção ao *novum*, desta vez modificado. Ou, dito de outra forma conforme a linguagem objetiva de Löwy (2018, p. 38):

A utopia revolucionária passa pela redescoberta de uma experiência antiga, arcaica, pré-histórica: o matriarcado (*Bachofen*); o comunismo primitivo, a comunidade sem classes nem Estado; a originária harmonia com a natureza; o paraíso perdido, do qual somos afastados pela tempestade “progresso” [...]. Em todos esses casos, Benjamin não preconiza um *retorno* ao passado, mas – segundo a dialética própria do romantismo revolucionário – um *desvio* pelo passado em direção ao futuro novo.

Analisar a proto-história de um fenômeno relacionada ao matriarcado não significa, nos termos aqui descritos, retorno, nostalgia ou romantismo em relação ao passado idealizado. Trata-se, antes, de subverter o conceito linear e evolutivo que nos conduz (a olhos cegos pelo progresso) a uma nova barbárie, à barbárie climática, sobretudo. O filósofo Slavoj Žižek (2012) faz uma síntese entre os quatro cavaleiros do Apocalipse e os problemas da modernidade que, segundo ele, aproxima-se de um ponto zero apocalíptico, uma crise terminal. Na modernidade os quatro cavaleiros do Apocalipse são a crise ecológica, as consequências da revolução biogenética, os desequilíbrios do próprio sistema (problemas da propriedade intelectual, a luta vindoura por matéria-prima, por comida e água) e o crescimento explosivo das divisões e exclusões sociais.

A crise ecológica está também no centro das preocupações de um pensador de origem indígena extremamente relevante e atual, Ailton Krenak.¹⁰ Sua mensagem é

10 Krenak significa “cabeça da Terra”, remete indiretamente ao culto ctônico.

original e remete novamente ao matriarcado, à mãe natureza. Nascido em uma aldeia às margens do rio Doce, viu sua comunidade devastada pela tragédia ambiental da mineração que praticamente sepultou a vida de todo um rio e de suas populações ribeirinhas.¹¹ Para Krenak (2019) a experiência moderna está reduzida à mercadoria, o que significa que experimenta-se algo que está fora de nós, isto é, um consumo antropofágico e alienado.

O sentimento órfico na sociedade patriarcal relaciona-se também com a orfandade da terra, do lar, do cosmos. “Do nosso divórcio das integrações e interações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos, não só aos que em diferente graduação são chamados de índios, indígenas ou povos indígenas, mas a todos”, alerta Krenak (2019, p. 49, 50). Todas as lendas e histórias antigas chamam a Terra de Mãe, Pacha Mama, Gaia. Uma deusa perfeita e infundável, fluxo de graça, beleza e fartura. Na tradição chinesa, grega, hindu e na América, em todas as culturas antigas, a referência é uma provedora maternal. Não existe relação com a imagem masculina ou paterna. “Todas as vezes que a imagem do pai rompe nessa paisagem é para depredar, detonar e dominar” (KRENAK, 2019, p. 61).

Mesmo sob o signo da catástrofe Benjamin nunca perdeu sua desesperada esperança na Revolução, apesar do pessimismo dos seus últimos escritos, mas redefiniu-a através de uma nova imagem alegórica, nas notas preparatórias para as Teses “Sobre o conceito de história”, invertendo os lugares comuns da esquerda “progressista”: “Marx disse que as revoluções eram as locomotivas da história. Mas talvez elas sejam um pouco diferente. Talvez as revoluções sejam a mão da espécie humana que viaja nesse trem puxando os freios de emergência” (apud LÖWY, 2008, p. 213).¹²

Por isso a revolução é o “freio de emergência” do cataclismo, o retorno ao seio materno, às amazonas, a Palas-Atena, Minerva e Maria. À natureza em suma.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O fogo e o relato**: ensaios sobre criação, escrita, arte e livros. Tradução Andrea Santurbano, Patricia Peterle. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANDRADE, Oswald de. A crise da filosofia messiânica. In: **A utopia antropofágica**. São Paulo: Globo, 2011, pp. 138-215.

11 Referência ao rompimento da barragem da Vale em Brumadinho, em fevereiro de 2019.

12 A mesma citação reaparece em LÖWY (2005, p. 93-94), com tradução ligeiramente modificada: “Marx havia dito que as revoluções são a locomotiva da história mundial. Mas talvez as coisas se apresentem de maneira completamente diferente. É possível que as revoluções sejam o ato, pela humanidade que viaja nesse trem, de puxar os freios de emergência”.

_____. **Obras completas VI.** Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

_____. **Um homem sem profissão:** memórias e confissões sob as ordens da mamãe. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Origem do drama trágico alemão.** Edição e tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autentica, 2011.

_____. **O anjo da história.** Organização e tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

_____. **O capitalismo como religião.** Organização Michael Löwy; tradução Nélio Schneider, Renato Pompeu. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. **Rua de mão única, Infância berlinense: 1900.** Edição e tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CEPPAS, Filipe. Afinidades entre os outsiders Walter Benjamin e Oswald de Andrade. **Cadernos Walter Benjamin**, 20, p. 63-80, jan-jun. 2018.

ELIADE, Mircea. **Origens ou um novo humanismo.** Lisboa: Edições 70, 1989.

_____. **O sagrado e o profano.** A essência das religiões. São Paulo: Editora WMF, 2010.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado.** Tradução Leandro Konder. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin.** São Paulo: Perspectiva, 1999.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin:** aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. **Romantismo e messianismo:** ensaios sobre Georg Lukács e Walter Benjamin. Tradução de Myrian Veras Baptista. São Paulo: Perspectiva, 2008.

_____. **Redenção e utopia:** o judaísmo libertário na Europa Central: um estudo de afinidade eletiva. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

_____. **A estrela da manhã:** surrealismo e marxismo. São Paulo: Boitempo, 2018.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A porta estreita pela qual pode entrar o Messias. **Reflexão:** Filosofia e Messianismo. PUC-Campinas, v.33, n. 94, p. 25-31, 2008.

SILVA, Cristina M. Encontros de narrativas entre Oswald de Andrade e Walter Benjamin. **Acta Scientiarum. Humam and Social Sciences.** Maringá, v. 39, n. 2, p. 121-130, May-Aug., 2017.

SOUSA, Rui B. “Estetização da política e politização da arte”: a estética do fascismo nas obras de Walter Benjamin. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 171, p. 44-60, ago/2015.

VALLE, Ulisses do. A filosofia da história de Oswald de Andrade. **Remate de Males**, Campinas-SP, p. 323-344, jan-jul. 2017.

WITTE, Bernd. **Walter Benjamin:** uma biografia; tradução Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

ZIZEK, Slavoj. **Vivendo no fim dos tempos.** Tradução Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2012.